

MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES  
(UNIVERSIDADE DO MINHO)  
ORCID: 0000-0002-5353-4976

## MIA COUTO: CRISE ECOLÓGICA EM REGISTO HUMORÍSTICO

### MIA COUTO: ECOLOGICAL CRISIS IN A HUMOROUS TONE

#### RESUMO

Os objetivos principais deste ensaio são: 1. Mostrar que as obras ficcionais e não ficcionais de Mia Couto apresentam a visão do escritor sobre a natureza no continente africano; 2. Evidenciar que o humor de Couto desvela um compromisso ecocritico e uma profunda inquietação com a atual crise climática.

PALAVRAS-CHAVE: Couto (Mia), ecocritica, crise climática

#### ABSTRACT

The primary purposes of this essay are: 1. To show that Mia Couto's fictional and non-fictional works present the writer's view of nature on the African continent; 2 To prove that Couto's humor discloses an ecocritical commitment and a deep concern about the current climate crisis.

KEYWORDS: Couto (Mia), ecocriticism, climate crisis

O humor integra a cosmovisão literária de Mia Couto no tratamento de realidades dolorosas que integram a relação do continente africano com o resto do mundo, o colonialismo e o devir pós-colonial de África, em particular do seu país natal, Moçambique. Nesse imaginário humorístico, a visão africana e não africana sobre a natureza contempla um esforço de desconstrução de estereótipos sobre o que significa a Natureza para os africanos e as imagens que povos estrangeiros associaram ao continente. A formação do escritor em Biologia supõe um interesse constante aos problemas ambientais que afetam os ecossistemas terrestres.

Este ensaio parte de uma premissa crucial da obra do escritor moçambicano: uma ligação entre dois discursos – o literário e o biológico –, mostrando que eles se



Copyright © 2023. The Author. This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are properly cited. The license allows for commercial use. If you remix, adapt, or build upon the material, you must license the modified material under identical terms.

encontram umbilicalmente associados na obra ficcional e não ficcional de Mia Couto.

No ensaio, intentarei, assim: Reconstruir a visão do escritor sobre a natureza no continente africano; Identificar em obras ficcionais e não ficcionais de Mia Couto, com especial destaque para as coletâneas de contos e os textos cronísticos *O Universo num Grão de Areia* e *E se Obama fosse africano?*; Demonstrar que a linguagem do escritor – sustentada numa criatividade de combinações lexicais onde o humor está ao serviço de um compromisso ecoético – é um precioso contributo para refletir sobre a atual crise climática – que é também, para Mia Couto, uma crise de valores e uma crise de imaginação – recorrendo a registos humorísticos através dos quais concretiza o sentido essencial de uma área fundamental dos Estudos Literários e Culturais: a Ecocrítica.

As questões ambientais ocupam um lugar muito significativo na biografia, na obra e na carreira profissional de Mia Couto. O seu nascimento na cidade da Beira é tão relevante que o escritor afirmou que não tem uma “terra-mãe”, mas sim uma “água-mãe”, referindo-se à localização geográfica da cidade. A sua formação em Biologia não é despicienda para compreender a vocação de escritor, na medida em que Mia Couto refere com frequência as ligações que encontra entre estas duas áreas de conhecimento e a importância que a formação em Biologia tem na sua obra literária. A sua estreia, que aconteceu poeticamente – só mais tarde se tornaria contista e romancista – demonstra essa ligação umbilical à Natureza, desde logo no título da primeira coletânea: *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*.

Se qualquer realidade humana pode ser analisada pelo prisma do humor – em que, num sentido lato e não procurando estabelecer distinções entre os conceitos, se incluem, por exemplo, a paródia, a ironia e a sátira –, também a relação do homem com a Natureza pode ser perspetivada humoristicamente. O humor é artisticamente um dos mecanismos mais eficazes de alerta para situações problemáticas, de exposição de comportamentos dificilmente aceitáveis, de ridicularização de formas de violência e de manipulação. São estes propósitos do humor que, em grande medida, orientam a visão do escritor moçambicano sobre a relação humanos-não humanos. Partilho a visão de Vincent Kokou Simédoh (2012: 146) sobre os propósitos do humor em Mia Couto:

Le rire constitue une arme contre l'oppression, l'injustice et une dédramatisation du tragique et aussi un regard sur soi. On dénonce sans accuser, on réfute sans s'imposer, on déconstruit sans établir une autre vérité. Le rire devient un moyen de désarticuler la représentation de l'histoire africaine.

O humor torna-se, e assim se vê representado na obra de Mia Couto, um instrumento poderoso de denúncia, de ridicularização e de chamada de atenção que, convém sublinhá-lo, não significa na obra do escritor africano uma tendência para, de forma reiterada e compulsiva, atingir o colonizador e a forma como a presença de Portugal em diversos países africanos contribuiu para a degradação ambiental.

Embora esta visão esteja presente nos contos, nos romances e nos ensaios, a visão de Mia Couto é, neste como noutros temas, muito mais abrangente, o que equivale a dizer que o seu entendimento do humor inclui a autocritica, isto é, a responsabilização dos africanos pelo estado atual do continente. Há uma responsabilidade partilhada, na visão do escritor: a extração de recursos naturais foi uma prática implementada pelo sistema colonial, mas persiste hoje no continente africano; a degradação ambiental de Moçambique – considere-se especificamente o caso da capital, Maputo – avança de forma célebre; a biodiversidade está em risco, os desastres ambientais, quer naturais, quer provocados por intervenção humana, intensificam-se no continente. Apenas para tomar um exemplo do continente africano, a cidade da Beira foi a mais afetada por um dos mais graves fenómenos meteorológicos que assolou o continente neste século. Em 14 de março de 2019, o ciclone Idai atingiu a costa sudeste de África, desencadeando devastadoras perdas humanas e materiais. No seu mais recente romance, *O Mapeador de Ausências* (2020), Mia Couto descreve a devastação provocada por este ciclone na região da Beira.

A Beira, cidade fundada em finais do século XIX, conheceu, em março de 2019, um antes e um depois numa História até então marcada pelo sucesso comercial e turístico. Cerca de 90% das infraestruturas da cidade desapareceu em violentas chuvas e Graça Machel, política e ativista moçambicana, descreveu-a como uma cidade totalmente devastada pelas alterações climáticas. A Organização das Nações Unidas, por seu turno, afirmou que as alterações climáticas estão a provocar uma intensificação de ciclones tropicais de alto impacto, inundações costeiras e chuva intensa (cf. Moreno Alcojor 2021: 13–14).

Aspetos como o respeito por uma Natureza antropomorfizada – em particular, as árvores como elementos cruciais da mitologia africana, moradas dos espíritos dos antepassados e metáfora do respeito devido às raízes tradicionais, e os animais selvagens, muitas vezes símbolos de humanidade –, a defesa de uma interdependência entre o humano e o não humano – desvinculando-se de uma perspetiva homocêntrica e fazendo do humano apenas um dos inúmeros elementos que integram a Natureza – ou ainda a valorização do universo rural, em oposição ao espaço citadino – apresentada em projetos profissionais do escritor vocacionados para a preservação da ilha de Inhaca – revelam em Mia Couto um compromisso ambiental explícito, muitas vezes expresso de modo cômico, aplicando porventura o princípio defendido por Gérard Genette em *Palimpsestes* (1996: 147): “Le comique n'est qu'un tragique vu de dos”.

Os motivos da água – num continente ameaçado pela desertificação – e dos animais – com várias espécies em vias de extinção e outras que preservam um sentido tradicional de meros instrumentos ao serviço dos seres humanos – são dois dos mais relevantes para representar a perspetiva ecocritica na obra coutiana. São esses dois motivos que aqui merecem aprofundamento, considerados por vezes numa relação de grande proximidade.

A Beira, “água-mãe” de Mia Couto, é recordada num texto da coletânea *Pensajeiro Frequent* como uma cidade cuja estação ferroviária tem uma dimensão

tão grandiosa que nela “poderia desembarcar Sophia Loren ou uma outra artista saída das matinés do Olympia” (Couto 2010: 19). É a partir desta cidade que se constrói a cosmovisão de Mia Couto e a sua relação com o universo aquático e os animais não humanos. A baleia é, no seu universo literário e ensaístico, um animal com acentuado protagonismo. Ela aparece antropomorfizada no conto “O riso das baleias” (pertencente a *Pensajeiro Frequente*), numa análise das atividades turísticas de observação deste cetáceo. Trata-se de uma breve narrativa onde um pescador e guia turístico propõe a quem deseje ver baleias um negócio simples: “Uma baleia são duzentos, duas são quatrocentos” (Couto 2010: 23). Nas praias da região de Fernão Veloso, os passeios de barcos esgotam o interesse de viajantes durante o dia. Quando a viagem quase termina e já não há expectativa de voltar a ver baleias, o surpreendente aparecimento de uma baleia “que se ri” é a oportunidade para o guia reivindicar uma atualização de pagamento: “– São mais duzentos. Ou melhor, mais trezentos, que agora ela está a fazer horas extraordinárias!” (Couto 2010: 26).

A seca extrema afeta várias regiões do continente africano. O conto *A Chuva Pasmada* (2004), que Phillip Rothwell considera “a obra de caráter mais expressivamente ambientalista na ficção de Mia Couto” (Rothwell 2015: 16), explora este motivo num registo humorístico: a ausência prolongada de chuva é atribuída pelos habitantes à poluição causada por uma fábrica: “São esses fumos que estão a atrapalhar a chuva. A água fica pesada, já não aguenta ser nuvem...” (Couto 2004: 9). Nesta “alegoria do progresso” (Sudmeyer 2013: 101), a seca do rio suspende a atividade da fábrica, a emissão de gases e, por fim, a tão desejada e necessária chuva. Para denunciar a industrialização selvagem, Mia Couto propõe uma hipótese de que deixe de haver chuva como consequência da atividade fabril desregulada.

A extinção de animais é um motivo recorrente na obra de Mia Couto. Na sua mais recente coletânea de contos, *O caçador de elefantes invisíveis*, confrontam-se duas visões do mundo e da relação entre humanos e não humanos. Um grupo de cientistas europeus desloca-se a uma zona de minas com o propósito de construir uma torre de observação de aves. Um dos mineiros procura transmitir o seu conhecimento sobre a variedade de aves da região, mas depressa conclui que o desinteresse dos “estrangeiros” pela fauna é total, como um acaba por afirmar: “Só nos interessam aves de migração” (Couto 2021: 39). O mineiro tenta atrair o interesse do cientista informando-o que o que mais abunda na sua aldeia são aves vindas de longe: “Os pássaros internacionais gostam muito deste nosso céu” (Couto 2021: 39). Para os cientistas, todavia, importa apenas desenvolver um projeto de construção que não considera qualquer impacto ambiental e que se reduz a um discurso vazio: “A luta pela biodiversidade deve-se apoiar nas chefias tradicionais” (Couto 2021: 41). O mineiro declara-se de imediato “um chefe muitíssimo internacional”, cuja especialidade é “propiciar a chegada de aves de migração, fossem elas magras ou carnudas. Era uma espécie de serviço junto das divindades africanas” empenhado em “fiscalizar as aves que andam vagabundeando pelo planeta” (Couto 2021: 41).

O que o conto apresenta é uma tentativa desesperada e inútil de um mineiro para travar uma construção que, sob uma retórica superficial, a da defesa da biodiversidade, desconsidera modos de vida tradicionais, interações seculares entre o Homem e a Natureza e uma sabedoria que contraria interesses económicos e encara os seres do mundo natural sem discriminações, como se observa no esforço do mineiro para que as aves da sua região sejam preservadas: “anunciei que as aves europeias eram as nossas preferidas” (Couto 2021: 40).

Os pássaros têm um lugar muito destacado na obra de Mia Couto e o interesse que lhes dedica supõe muitas vezes uma análise sobre os seus modos de vida. Como defende em “Outras formas de voar”, “Mais que o seu valor biológico, os pássaros inspiram histórias exemplares pela diversidade do seu comportamento natural” (Couto 2010: 128). De comportamentos dos pássaros trata este texto: ora sobre o tucano fêmea, cujo comportamento maternal “faz inveja aos mais fiéis amantes da casta humana”; ora sobre a jacanas, dedicadas a namoros e à reprodução, tornando-se “implacáveis namoradeiras” (Couto 2010: 129–30); ora ainda sobre os abelheiros, pássaros vistosos dedicados à profissão de “engenheiros de túneis”, escavando ninhos nas margens dos rios.

Se os pássaros têm um lugar tão expressivo na obra de Mia Couto, enquanto símbolos de liberdade e de inspiração para comportamentos humanos, não causa surpresa que o escritor tenha uma visão humoradamente cáustica sobre jardins zoológicos. Num texto incluído na coletânea *Cronicando*, a que deu o significativo título de “No zoo-ilógico”, mostra-se desconfortável com a existência de lugares que, por natureza, aprisionam animais e revelam uma tentativa de domínio do animal humano sobre o animal não humano: “Zoo, ainda aceito. Mas lógico, porquê? As mais das vezes, é mesmo ilógico: os animais com ordem de prisão, detidos sem outra legalidade que não seja a prepotência da nossa espécie” (Couto 1987: 147).

Este desconforto com a existência de jardins zoológicos torna-se mais importante quando se trata de aprisionar aves e de reproduzir em ambientes artificiais os seus habitats naturais. Neste texto, Mia Couto desconstrói os nomes de algumas espécies de pássaros e analisa os seus comportamentos: sobre as chamadas aves de rapina, nomeadamente o falcão, defende que a expressão é imerecida, porque pejorativa. O falcão, com olhos felinos, deveria ser renomeado, passando a chamar-se “falgato; o mocho, com os seus olhos abertos sem prestarem atenção a nada, são comparados às lojas moçambicanas durante o designado PRE – Plano de Reabilitação Económica – lançado pelo governo do país em meados da década de 1980 e de escassos efeitos positivos; o albatroz tem um nome que não se coaduna com a sua existência: se alba se mostra um termo correto, já atroz nunca; a avestruz tem grandes asas sem utilidade: “Alguma coisa deve ter acontecido para Deus lhe tirar o brevet (Couto 1987: 148); o galo é o mais cortês e cavalheiro dos pássaros, mas é também o mais volátil: “Cisca e debica mas quase não come. Oferece o melhor às galinhas do seu harém. Exemplo para os homens que, ao comerem as galinhas, não deixam parte valiosa para as mulheres” (Couto 1987: 149).

Este percurso pelo parque zoológico conclui com uma reflexão que subverte o paradigma de aprisionamento:

A tabuleta [...] rezava: proibido retirar comida aos animais. Um outro letreiro, virado para o interior das jaulas, avisava a bicharada: ‘não provoque os homens, sua humanização está em curso’.

A cidade e o zoo-ilógico: qual deles aprisiona o outro? Ao menos, se isentem de pagamento os bichos quando entenderem visitar os homens em suas urbaníssimas gaiolas, os altos prédios que tanto arranham os céus (Couto 1987: 150).

Um dos textos mais humorísticos de Mia Couto sobre a relação entre animais – humanos e não humanos – e a suposta prevalência dos homens sobre os bichos é aquele que tem por título “O dono do cão do homem (da coletânea de contos *O Fio das Missangas*). Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa, na qual um desconsolado proprietário de um cão de companhia começa por confessar que foi traído “não pela minha amada, mas pelo meu cão” e reivindica a construção de um hotel destinado aos “donos de cães abandonados pelos bichos” (Couto 2004: 105).

O conto subverte a tradicional supremacia do humano sobre o não humano, já que, nos processos de auto e de hétero caraterização, o protagonista se confessa como um vulgar elemento da raça humana, “sem comprovado pedigree”, ao passo que o cão “é de apurada raça, classe comprovada em certificado de nascença (...), cheio de hereditariedade” e com um nome que “de tão humano, quase me humilha: Bonifácio” (Couto 2004: 105).

Toda a história da relação entre proprietário e possuído é subvertida com humor: o habitual passeio de donos de cães com o seu animal de estimação torna-se, é invertido: “ele me arrastava na trela. Bonifácio é que escolhia os atalhos, as paragens, a velocidade” (Couto, 2004: 106). Afastando-se de todos os comportamentos da sua espécie, o cão Bonifácio “estava acima dos verbos animais. Não cheirava; aspirava os sofisticados odores nas árvores. Não urinava. Se aliviava com dignidade” (Couto 2004: 106).

Também as habituais perguntas sobre cães são ridicularizadas, como acontece no exemplo seguinte: “– Morde? Respondi que não, estivessem à vontade e se aproximassem do bicho. – Não me referia ao cão, mas a si” (Couto 2004: 106).

Porque se sente maltratado, o narrador acaba por abandonar a sua casa, desfrutando da vida de um cão vadio: “O melhor amigo do cão é o homem? Pois eu, por amor de mim, decidi fugir de casa (...). E nem me dei mal, tal era o alívio de não ter que me manter doméstico e domesticado” (Couto 2004: 107).

Poderá ler-se neste conto uma crítica à atração, por vezes apenas emocional, de possuir um animal de estimação.

Os animais não humanos não representam, na ficção de Mia Couto, entidades “fora” do entendimento do humano. A criatividade linguística do escritor é, neste plano, um elemento fundamental para entender a relação humano / não humano. Refiro-me concretamente a dois aspetos:

- O elevado número de neologismos criado pelo escritor a partir de termos que remetem para animais. Esses neologismos têm, para além do propósito de criação de uma intensa proximidade entre seres humano e não humano, uma intencionalidade lúdica. Alguns exemplos, apenas ilustrativos, são os verbos “abutrear”, “andorinhar”, “arannhiçar”, “borboletar-se”, “cachorrar-se”, “gafanhatar”, “minhocar”, “morcegar”, “passarinhar”, “pombinhar” e “toupeirar”. O uso destes neologismos como explicações para comportamentos humanos assume dois propósitos: uma diluição de fronteiras entre o humano e o não humano, desviando uma perspetiva homocêntrica para uma abordagem ecocêntrica, e um efeito de surpresa no leitor, que pode ver comportamentos como a devassa da vida privada ridicularizados pela criação do verbo “abutrear”; que pode considerar que a inconstância humana é parodiada em formas verbais como “passarinhar” ou “toupeirar”; que pode rever-se, desconfortavelmente, na exposição de curiosidade pela vida alheia expressa em neologismos verbais como “toupeirar” ou “cachorrar-se”.

- O recurso frequente a provérbios com figuras de animais. Os provérbios, que em muitas culturas aparecem frequentemente associados a animais, encontram em Mia Couto uma exaustiva utilização que tem como propósito não apenas transmitir uma mensagem de sabedoria – de prudência, de alerta, de denúncia – mas sobretudo de destaque de elementos da natureza: animais não humanos e seres vegetais. Alguns exemplos de uma sabedoria ancestral demonstram que animais e plantas são referências para aprendizagens humanas:

Na coletânea de contos *Cada Homem é uma Raça*, o aconselhamento à prudência supõe uma imagem animal: “O escaravelho dá duas voltas antes de entrar no buraco” (Couto 1990: 33). Traduz este adágio um alerta ao ser humano: alerta à ponderação e à reflexão, que devem sobrepor-se a atitudes intempestivas e impensadas.

Na mesma obra, a imagem negativa de uma mulher pouco fiável é representada através de uma comparação com um animal: “Ela é como um escorpião, leva o veneno nas costas” (Couto 1990: 18). A comparação reforça a imagem negativa, até mesmo perigosa, da mulher que não se submete e quer fazer ouvir a sua voz.

Os valores da humildade, da recusa da arrogância e da inteireza moral humana é sugerida em *Cada Homem é uma Raça* pelo ditado: “Não se mede a árvore pelo tamanho da sombra” (Couto 1999: 95). Uma árvore grandiosa não significa forçosamente aquela que providencia mais sombra; identicamente, um ser humano grandioso não é aquele que propala os seus êxitos e conquistas, arrogando-se vaidosamente méritos que a outros compete reconhecer.

A superação de dificuldades humanas é expressa noutra comparação: “O homem é como o pato que, no próprio bico, experimenta a dureza das coisas” (Couto 1990: 136).

Observa-se que em Mia Couto a Natureza aparece, através de animais, árvores, água, como recurso inesgotável de símbolos e de imagens que traduzem o humano, talvez porque nela a linguagem é mais bem conseguida para exprimir conceitos. A este propósito, não pode ser desconsiderada a noção de biodiversidade, por quanto

ela merece a Mia Couto diversas apreciações, algumas delas com um fino sentido de humor. No texto a que deu o título “As águas da biodiversidade” (de *Pensajeiro Frequente*), observa-se o esforço fracassado de um tradutor para traduzir o termo biodiversidade numa língua nativa moçambicana. Os camponeses não escondem o seu ceticismo com um vocábulo que desconhecem e cujo sentido só existe numa explicação que aproxima todos os seres vivos:

Biodiversidade? O tradutor hesitou. O esgar no rosto traduzia o esforço para encontrar no léxico xironga um equivalente para *biodiversidade*. Traduziu por elefantes. Depois, emendou: os bichos. Sentados no chão, os camponeses não disfarçaram a desconfiança. Fossem elefantes, fosse bicharada, o assunto merecia um pé atrás. Então, e as pessoas? O tradutor encontrou ali uma saída e disparou: sim, as pessoas, os bichos, a terra, tudo isso em conjunto (Couto 2010: 27).

Para explicarem ao cientista o que entendem por biodiversidade, os camponeses indicam o que acabam de observar no amplo estuário do rio Maputo: “A biodiversidade passou por ali de madrugada. ‘A biodiversidade?’, perguntei. Responderam risos. Tinham sido os elefantes, essa enorme manada que sobreviveu à guerra e à caça furtiva” (Couto 2010: 30).

Se a impossível tradução do termo biodiversidade sugere este comentário humorístico, o conceito de meio ambiente conduz Mia Couto a uma observação menos risível, que denuncia o seu uso contemporâneo como espécie de estandarte ou de moda volátil. Numa conferência que proferiu na Universidade de Aveiro, em 2006, e que incluiu na coletânea *E se Obama fosse africano? Interinvenções* com o título “Rios, cobras e camisas de dormir”, o escritor defende que a expressão Meio Ambiente foi convertida “numa entidade mistificada”, apela a que não permitamos que as noções sejam construídas “como conceitos de moda, uma espécie de *fait-divers* do jornalismo de ocasião” (Couto 2009: 61) e refuta a ideia de que o ambiente é uma entidade singular e separada do humano:

[...] não existe ambiente como uma entidade única, fixa e exterior à sociedade humana. O ambiente é múltiplo e com significados contextuais diversos – os incêndios florestais em Portugal têm implicações bem diversas dos fogos na savana. O ambiente (que deve ser lido no plural) tem dinâmicas de mudança cuja complexidade nós nem sempre entendemos. (...) Não é tanto de ‘defesa’ que o ambiente necessita. Precisa, primeiro, de um melhor entendimento. Depois, precisa de uma produção menos centrada nos interesses de lucro de uma pequena elite que fala em nome do mundo (Couto 2009: 61–62).

A necessidade de entendimento dos ecossistemas terrestres é reiteradamente defendida por Mia Couto. Num outro texto desta coletânea, uma intervenção a propósito de queimadas descontroladas em Moçambique, sustenta que “nós não entendemos a complexa ecologia do fogo na savana africana” e que o combate a tais queimadas representa um imperativo de “proteger ecossistemas e de conservar espaços úteis e produtivos” (Couto 2009: 73).

Como notas conclusivas, destaco alguns aspectos que o ensaio procurou examinar. O debate sobre questões ambientais é ainda escasso no continente africano. Analisar problemas como as alterações climáticas, a desflorestação, a extração de recursos naturais e a caça ilegal de animais selvagens significa um confronto com ausência de dados históricos e atuais e uma relevante escassez de conhecimento científico. É esta reflexão que propõe Aurora Moreno Alcojor (2021: 21):

Históricamente, la mirada hegeliana proyectada sobre África y los africanos ha tendido a minusvalorar su importancia, su capacidad y su contribución al mundo. Durante la colonización, los pocos esfuerzos dedicados al continente se centraron únicamente en las zonas y cuestiones que eran de interés para los colonizadores, principalmente relacionadas con la extracción de recursos. Más tarde, las universidades y los centros de estudio que surgieron con las independencias se vieron muy pronto privados de los recursos que habrían sido necesarios para poner en marcha iniciativas de investigación sobre su propio territorio.

A obra de Mia Couto revela o compromisso ético da perspetiva ecocritica, por vezes com um humor discreto que é uma arma de denúncia e de matização de realidades trágicas (como são aquelas que atingem todo o planeta Terra e não só o continente africano). O sentido humorístico da ficção de Mia Couto corresponde aos comentários de Vincent Simédoh sobre a intencionalidade crítica do humor: “On dénonce sans accuser, on réfute sans s’imposer, on déconstruit sans établir une autre vérité. Le rire devient un moyen de désarticuler la représentation de l’histoire africaine » (Simédoh 2012 : 146).

A vulnerabilidade ambiental do continente africano torna ainda mais relevantes os contributos de um escritor e ensaísta que o conhece profundamente nessas duas vertentes: a literária e a científica. Neste sentido, as problemáticas ambientais apresentadas por Mia Couto cumprem um dos pressupostos da Ecocritica: o diálogo entre distintas áreas do conhecimento, designadamente entre as Ciências Humanas e as Ciências Naturais. Nas palavras do escritor, poesia e ciência “são entidades que não se podem confundir, mas podem e devem deitar-se na mesma cama. E quando o fizerem, espero bem que dispam as velhas camisas de dormir” (Couto 2009: 63).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTO M. (1987): *Cronicando*, Lisboa, Caminho.  
COUTO M. (1990): *Cada Homem é Uma Raça*, Lisboa, Caminho.  
COUTO M. (2004): *O Fio das Missangas*, Lisboa, Caminho.  
COUTO M. (2009): *E se Obama fosse africano?* Interinvenções, Lisboa, Caminho.  
COUTO M. (2010): *Pensajeiro frequente*, Lisboa, Caminho.  
COUTO M. (2019): *O universo num grão de areia*, Lisboa, Caminho.  
COUTO M. (2021): *O Caçador de Elefantes Invisíveis*, Lisboa, Caminho.

- GENETTE G. (1996) : *Palimpsestes*, Paris, Éditions du Seuil.
- MORENO ALCOJOR, A. (2021): *El cambio climático en África. Efectos, estrategias de adaptación y soluciones desde el continente*, Madrid, Casa África.
- ROTHWELL P. (2015): *Leituras de Mia Couto. Aspetos de um pós-modernismo moçambicano*, Coimbra, Almedina.
- SIMÉDOH V. K. (2012) : *L'humour et l'ironie en littérature francophone subsaharienne : des enjeux critiques à une poétique du rire*, New York, Washington and Baltimore, Peter Lang.
- SUDEMAYER A. (2013): *Deep Fiction: A postcolonial and ecocritical reading of works by Mia Couto and T. C. Boyle*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.